

UM ESPAÇO PROFÍCUO PARA RELACIONAMENTOS ENTRE DIVERSAS ÁREAS DAS HUMANIDADES: A LITERATURA INFANTIL BRASILEIRA.

Cristina Maria Vasques (FCLAr – UNESP)¹

RESUMO: Busca-se investigar de que forma a literatura infantil brasileira relaciona-se, desde a sua gênese formal – *Reinações de Narizinho*, de Monteiro Lobato – até a atualidade – representada por *A casa da Madrinha*, de Lígia Bojunga Nunes – com algumas das áreas de conhecimentos agrupadas sob o título de Ciências Humanas, uma vez que a literatura, ultrapassando o ponto de vista da literariedade, é espaço de difusão de idéias que alcançam conhecimentos de diversos campos do saber, possibilitando a oportunidade da informação sobre práticas sócio-históricas, econômicas, políticas e culturais da humanidade e constituindo-se um espaço de expressão e de questionamentos, reflexões e constituição de novos saberes, ainda que esses conhecimentos nunca superem o valor estético da obra literária.

PALAVRAS-CHAVES: Literatura infantil brasileira,

Introdução

Quando Roland Barthes afirma acreditar que a literatura seja, além de código artístico, um espaço – suficiente em si mesmo – de expressão, questionamento e constituição de outros saberes, não está sozinho. Referindo-se à arte e assim, também à literatura em geral, pensando de forma semelhante à de Barthes, Coelho (1974, p. 22-23) diz que a

verdadeira Arte (= aquela que resulta de um ato criador) expressa sempre algo de vital para o homem, porque direta ou indiretamente ela se nutre de valores essenciais para a realização integral da existência humana. Já é ponto pacífico de discussão a afirmação que vem sendo feita por fenomenólogos ou sociólogos de que nós não veríamos o Universo, não o entenderíamos, nem poderíamos habitá-lo, nem mesmo conheceríamos a nós mesmos, sem a perspectiva estética que condiciona o nosso modo de pensar, de amar e de perceber o mundo. A arte é [...] o fenômeno que descobre o mundo à Humanidade.

Se a literatura de alguma forma ajuda o homem a compreender-se e a compreender o mundo em que vive e age, pode-se afirmar que muito mais o faz a literatura infantil², cuja vocação é, historicamente, a de formar o leitor, o homem, o cidadão:

se o homem se constitui à proporção da formação de conceitos, a infância se caracteriza por ser o momento basilar e primordial dessa constituição e a literatura infantil um instrumento relevante dele. Desse modo, a literatura infantil se configura não só como instrumento de formação conceitual, mas também de emancipação. (CADEMARTORI, 1991, p. 23)

Assim, percebe-se a ligação intrínseca entre a literatura – neste caso, mais especificamente a literatura infantil – com a Pedagogia, Ciência da Educação. Esse vínculo dá-se porque a importância dessa forma literária “ocorreu simultaneamente à difusão de uma política de alfabetização em massa, a partir do século 18” (ZILBERMAN, 1982, p. 96). Assim, o livro destinado às crianças assume, “desde a sua origem, [...] ao invés de lúdica, uma postura educativa [...] de ensino-aprendizagem, englobando normas e valores do mundo adulto para transmiti-los às crianças.” (ZILBERMAN, 1982, p. 100).

¹ Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”. Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários. pglet@fclar.unesp.br.

² Quando utilizamos o termo *literatura infantil*, referimo-nos tanto à literatura infantil propriamente dita, como à literatura infanto-juvenil.

Mesmo que em determinado momento histórico alguns pensadores tenham desejado desvincular a literatura – e a arte em geral – de sua característica educativa, esse vínculo sempre permaneceu, ainda que tênue por vezes. E foi com esse caráter educativo com o qual a literatura se estabeleceu no mundo, que ela se estabeleceu também como literatura infantil e atravessou continentes e oceanos, chegando ao Brasil onde permaneceu, até o início do século XX, quase que exclusivamente como literatura escolar.

1. As Reinações de Lobato

Foi natural, portanto, que **A Menina do Narizinho Arrebitado**, primeira versão de **Reinações de Narizinho**, ainda que um “livro absolutamente original, em completo, inteiro desacordo com todas as nossas tradições didáticas” (CAVALHEIRO, 1955, p. 570), também fosse uma edição escolar, adotada em todas as escolas paulistas como segundo livro de leitura, por conter também ensinamentos de valores sociais e morais desejados à época, e enfatizar a importância da educação formal, neste trecho, especialmente da educação física, obrigatória nas escolas públicas e motivo de muitas discórdias entre os educadores, que tinham opiniões contrárias à respeito de seus benefícios:

- [...] as meninas são muito mais espertas que os meninos...
- Mas não têm mais muque! – replicou [Pedrinho] com orgulho, fazendo-a apalpar a dureza do seu bíceps que **a ginástica escolar havia desenvolvido**. (LOBATO, 1959, p. 55, grifo nosso)

Porém, com **Reinações de Narizinho** iniciou-se “um processo de autonomização da literatura infantil em relação às suas origens didáticas/escolares, mediante a priorização programática de seu efeito estético e sua função de deleitar” (MORTATTI, 2001, p. 180). Pode-se perceber claramente a função lúdica e o efeito estético de **Reinações** no trecho em que Dona Aranha veste Narizinho para o seu casamento com o Príncipe Escamado, com um tecido “feito pela Fada Miragem”, cortado “com a tesoura da Imaginação”, costurado “com a agulha da Fantasia [e] com a linha do Sonho” (LOBATO, 1959, p. 113) :

Era um vestido que não lembrava nenhum outro desses que aparecem nos figurinos. Feito de seda? Qual seda, nada! Feito de cor – e cor do mar! Em vez de enfeites conhecidos – rendas, entremeios, fitas, bordados, plissês ou vidrinhos, era enfeitado com peixinhos do mar. Não de alguns peixinhos só, mas de todos os peixinhos – os vermelhos, os azuis, os dourados, os de escama furta-cor, os compridinhos, os roliços como bolas, os achatados, os de cauda bicudinha, os de olhos que parecem pedras preciosas, os de longos fios de barba movediços – todos, todos!... [...] Alguns davam idéia de verdadeiras jóias vivas, como se feitos por um ourives que não tivesse o menor dó de gastar os mais ricos diamantes e opalas e rubis e esmeraldas e pérolas e turmalinas da sua coleção. E esses peixinhos-jóias não estavam pregados no tecido, como os enfeites e aplicações que se usam na terra. Estavam vivinhos, nadando na cor-do-mar como se nadassem na água [...]

O mais lindo era que o vestido não parava um só instante. Não parava de faiscar e brilhar, e piscar e furtar-cor, porque os peixinhos não paravam de nadar nele, descrevendo as mais caprichosas curvas por entre as algas boiantes. As algas ondeavam as suas cabeleiras verdes e os peixinhos brincavam de rodear os fios ondulantes sem nunca tocá-los nem com a pontinha do rabo. De modo que tudo aquilo virava e mexia e subia e descia e corria e fugia e nadava e boiava e pulava e dançava que não tinha fim... (LOBATO, 1959, p. 112-113).

Além da preocupação com o aspecto lúdico da literatura infantil, Lobato também atentava para algo que, somente depois de muitas décadas, Tatiana Belinky veio chamar à atenção: o fato de não haver pressões em relação às crianças da história, que viviam sem obrigações e em liberdade, devido à ausência de pai e mãe, presenças “cortadoras”, nas palavras da autora (BELINKY, 1982, p. 230). Athayde (1982,

p. 48-49) afirma que a grande lição de Lobato para os adultos, “foi o modo como considerar e tratar a infância”, porque ele conhecia intuitivamente a psicologia da criança. Sabia que a criança não era “um homem em ponto pequeno”, mas um ser com especificidades próprias daquele patamar de sua existência. Liga-se, portanto, a literatura infantil às Ciências Psicológicas.

Arguto observador, conhecedor intuitivo da psicologia infantil, Lobato poderia já haver lido sobre o assunto³, uma vez que tinha acesso a grande parte da literatura ocidental de sua época. O fato é que o autor percebe que a criança vive sua própria imaginação, como ele próprio viveu “dentro do **Robinson Crusoe** do Laemmert” (LOBATO, 1964, p. 239, grifo do autor), ou seja, que o universo da criança é recheado pela fantasia. E essa fantasia permite que ela aprenda “sobre os problemas interiores dos seres humanos, e sobre as soluções corretas para seus pensamentos em qualquer sociedade ” (BETTELHEIM, 1980, p. 13). Cada vez mais consciente de que o mundo das crianças é diferente do mundo do adulto,

cada vez mais deixa-se impregnar pela psicologia infantil (onde real e maravilhoso não se diferenciam...), e nas histórias que continua a inventar e publicar, os limites entre o mundo real e o outro vão-se enfraquecendo, até desaparecerem completamente. (COELHO, 1981, p. 360).

Intuitivamente, Lobato parecia saber que “a criança necessita [...] que lhe sejam dadas sugestões em forma simbólica sobre a forma como ela pode lidar com estas questões [seus problemas existenciais] e crescer a salvo para a maturidade (BETTELHEIM, 1980, p. 14-15), e que

para dominar os problemas psicológicos do crescimento [...] a criança precisa entender o que está se passando dentro de seu eu inconsciente. Ela pode atingir essa compreensão [...] familiarizando-se com ele através de devaneios prolongados – ruminando, reorganizando e fantasiando sobre elementos adequados [das histórias] em resposta a pressões inconscientes. Com isto, a criança adequa o conteúdo inconsciente às fantasias conscientes, o que a capacita a lidar com esse conteúdo. É aqui que os contos de fadas [e, no caso brasileiro, as histórias infantis de Lobato] têm um valor inigualável, conquanto oferecem novas dimensões à imaginação da criança que ela não poderia descobrir verdadeiramente por si só (BETTELHEIM, 1980, p.16).

Desta forma, para Lobato não existe nada que seja impossível ou que a criança não possa realizar, desde que receba orientações adequadas, o que procura fazer nas histórias que escreve para elas. Para que essas orientações sejam perfeitamente compreendidas, conforme aponta Cavalheiro (1969 b, p. 44), o autor de *Reinações* abole de seus contos infantis o tempo, o limite. Abolindo o tempo – e o limite – a realidade passa a ser artisticamente maravilhosa e tudo acontece naturalmente. Em verdade, o tempo não é abolido no sentido literal da palavra. Como as coisas podem acontecer a qualquer momento, bastando haver vontade, o tempo passa a ser o agora, quando o ontem pode repetir-se e o amanhã antecipar-se. Não há mais limites, nem de tempo, nem de espaço. Instalam-se as “fantasias conscientes” que atuarão no inconsciente da criança, conforme afirma Bettelheim (1980, p. 16), preparando-a para a vida. No caso das histórias escritas pelo autor brasileiro, preparando-a para a vida num Brasil que precisa desenvolver-se e descobrir seus valores aproveitando, para tanto, o conhecimento acumulado pela humanidade. (p. 47/48). Desta forma, Lobato leva as crianças do Sítio até o Reino da Abelhas, onde discutem com a Rainha e suas súditas sobre a organização das sociedades, apontando para a conexão da literatura infantil com as Ciências Sociais, especialmente a Sociologia e a Antropologia:

³ Roger Cousinet, por exemplo, já havia publicado, em maio de 1911, *Les Lectures des Enfants* (A Leitura das Crianças), onde afirma, de acordo com Jesualdo (1985, p. 29), que as leituras de distração e prazer “são as que respondem verdadeiramente às necessidades infantis e exercem, ou podem exercer, uma influência muito saudável no desenvolvimento da psique infantil”. Antes dele, dentre outros, G. Preyer, em 1882, também havia publicado sua obra, traduzida para o espanhol por don Martín Navarro e editada em Madrid no ano de 1908, sob o título *El Alma del Niño* (A Alma da Criança); Baldwin, no ano de 1895 publica, em Londres, *Mental Development in the Child and Race* (Desenvolvimento Mental na Criança e na Raça).

- Já reparou, Emília, como é bem arrumado este Reino? Uma verdadeira maravilha de ordem, economia e inteligência! [...] O que admiro é como as abelhas sabem aproveitar o espaço, [...] tudo dispondo de modo que a colméia funcione como se fosse um relógio. Ah, se no nosso reino também fosse assim... Aqui não há pobres nem ricos. [...] Todos trabalham, felizes e contentes. [...]

- E quem manda aqui? Quem é o delegado? – perguntou Emília.

- Ninguém manda – e é isso o mais curioso. Ninguém manda e todos obedecem.

- Não pode ser! – exclamou a boneca. Quem manda há de ser a rainha. Vou perguntar, e chamou uma abelha que ia passando. [...] Quem é, afinal de contas, que manda neste Reino? A Rainha?

- Não senhora! – respondeu a abelha. Nós não temos governo porque não precisamos de governo. Cada qual já nasce com o governo dentro de si, sabendo perfeitamente o que deve e o que não deve fazer. [...] Cada uma de nós é feliz porque todas somos felizes. [No reino dos homens] não sei como pode alguém ser feliz sabendo que há tantos infelizes em redor de si! [...]

- O meu reino é assim – explicou a Rainha – porque não é reino nenhum, mas uma grande família [...] Todos os anos escolho um dentre [os zangões] para marido e os outros [...] são condenados à morte e executados...

- Quê? – exclamou Narizinho horrorizada. Acho que isso constitui uma crueldade – verdadeira mancha negra na organização das abelhas.

- Parece, menina. Mas é o jeito. Como não sabem trabalhar e a natureza os fez unicamente para serem esposos da Rainha, as abelhas não têm a menor consideração com eles depois que a rainha elege um para esposo. Trucidam-nos e lançam os cadáveres para fora da colméia. Estas minhas filhas acham que o sentimentalismo não dá bom resultado em matéria de organização social.

Narizinho, cada vez mais admirada [...] murmurou ao ouvido da boneca: “Vê, Emília? [...] Até parece aquele filósofo que vovó às vezes lê, o tal Rou... Rousseau, creio.” (LOBATO, 1959, p.

Ao falar de Rousseau, Narizinho aponta também para elo que se pode fazer entre a literatura infantil e a Filosofia. O fato é que a fantasia que impregna o sítio do Picapau Amarelo permite colocar na narrativa lobatiana todas as Ciências – Humanas, Exatas, Físicas e Biológicas – todo o conhecimento da humanidade:

Era o espírito arguto a amalgamar idéias, a tecê-las de forma a enriquecer o que nos foi legado pelas gerações anteriores, envolvendo elementos característicos dessas histórias no seu tecido narrativo, espelhando essa tecitura não só a história individual de cada criança, [...] mas como ela pode estar inserida nas histórias maravilhosas que os homens de todas as épocas criaram como atestado da sua prodigiosa imaginação e que se deve constituir em substrato cultural de nossa formação como indivíduos para que melhor compreendamos o sentido dos ícones representativos da história da humanidade, enriquecendo, assim, a nossa história particular. (RIBEIRO, 2000, p. 162)

Lobato traz para o sítio do Picapau Amarelo diferentes elementos culturais de todo o mundo e de todas as épocas, assim como leva os brasileiros, seus personagens do Sítio, a outros lugares e tempos, mesclando esses tempos e lugares, por vezes, modificando-os de acordo com as suas concepções de mundo, mas sempre usando e abusando de elementos da fantasia. Assim, leva seus personagens ao País da Fábulas, mundo maravilhoso que reúne a França do século XVII e a Grécia do século VII a. C., aproximadamente. O meio de transporte é também maravilhoso: o pó de pirlimpimpim, “o pó mais mágico que as fadas inventaram” (LOBATO, 1959, p. 259). No País das Fábulas, espaço maravilhoso do conto artístico, os personagens do Sítio encontram-se com La Fontaine e com Esopo, vestidos de acordo com suas épocas:

Nisto viram um homem de cabeleira encaracolada, vestido à moda dos franceses antigos. Usava fivelas nos sapatos, calções curtos e jaqueta de cintura. Na cabeça trazia chapéu de

três pontas, e renda branca no pescoço e nos punhos. Apoiava-se em comprida bengala e vinha caminhando [...] (LOBATO, 1959, p. 250).

Nisto a pena de papagaio apareceu flutuando no ar, [...] em companhia dum homem esquisito. Todos se voltaram para ver.

- Quem será o bicho careta? Com certeza algum homem que estava tomando banho e perdeu as roupas – berrou Emília. Vem embrulhado na toalha.

O Senhor de La Fontaine explicou quem era.

- Estás enganada, bonequinha. Aquele homem é um famoso fabulista grego. Não vem embrulhado em nenhuma toalha, mas sim vestido à moda dos antigos gregos. Chama-se Esopo. Foi o primeiro que teve a idéia de escrever fábulas. (LOBATO, 1959, p. 259-260).

Cademartori (1991, p. 46) afirma que Lobato concilia o que é brasileiro, o que é nosso, às “inevitáveis e necessárias contribuições da cultura estrangeira”. O passado e as tradições, herança da humanidade, o autor os entende como o suporte que serve de base às inovações do presente e à construção do futuro. Eis o que confere a **Reinações de Narizinho** um legítimo *status* literário, ratificado por Coelho (1991, p. 7): “Sem o claro ou crítico conhecimento do ontem, dificilmente o hoje pode evoluir e preparar um amanhã que lhe seja superior em projetos, inventividade, realizações, evolução, etc.”.

Assim o Picapau Amarelo, espaço ficcional é um “sítio-mundo” como os mundos dos contos de fadas, de faz-de-conta, em que existe um sistema animista de crenças e, por isso, as coisas têm “alma”, os bichos e os bonecos (Emília e Visconde) falam e participam do cotidiano que, transcendendo a imaginação do autor, habita a imaginação dos próprios personagens – e dos leitores.

Lobato revolucionou a literatura brasileira criando formalmente, dentre outras coisas, uma literatura infantil tipicamente brasileira que integra o maravilhoso com as Ciências da Humanidade. Muitas características da obra lobatiana foram utilizadas por outros autores brasileiros, desde o lançamento de **Reinações de Narizinho** até a atualidade.

2. N'A casa da madrinha

Em **A Casa da Madrinha**, obra publicada em 1978 e recomendada pela FNLIJ (Fundação Nacional do Livro Infanto-Juvenil), Lygia Bojunga Nunes, vencedora do Prêmio *Hans Christian Andersen* de 1982 pelo conjunto de suas obras, utiliza-se de um sistema animista semelhante ao utilizado por Lobato, para dar vida a um pavão que convive e dialoga com os outros personagens da história, inclusive os adultos. Em outras histórias, animais e bonecos geralmente só se comunicam entre si ou com as crianças a que estão diretamente ligados, mas não com adultos, ao contrário do que acontece na obra lobatiana e n'**A Casa da Madrinha**:

O pessoal grande – tinha uns quatro ou cinco – também estava louco pra ver o show. Era a primeira vez que aparecia um pavão lá na roça; diziam que era o bicho mais bonito de ver. [...] uma mulher que tinha um bruto dente de ouro quis saber:

- E se ele não faz mágica? e se ele não dança?

Alexandre achou melhor começar de uma vez. Sacudiu a caixa com força e berrou:

- Já! [...]

E o pavão – que estava escondido num galho bem alto da mangueira – armou um pulo lindo, e veio gritando no pulo, e abrindo a plumagem toda, e foi só bater no chão que acabou de abrir as penas e parou fazendo pose. Tão bonito que todo o mundo levou um susto. [...]

- Ele morde?

E foi o pavão mesmo que respondeu:

- Eu tenho que achar a Gata da Capa.

O pessoal ficou assim meio parado, pensando que resposta tão esquisita era aquela. [...]

- Atenção, atenção! Agora o Pavão vai se despedir na língua que a gente fala. Bem alto, Pavão, bem alto.

O Pavão arregalou o olho , anunciou:
- O verso da despedida. – E recitou assim:
 “As palmas que ganhei com a representação
 Enchem de alegria meu coração
 Mas se o distinto público quer mostrar sua apreciação
 Jogue mais um dinheirinho no chão
 (Suspirou tremidinho)
 É o que pede o seu fiel amigo Pavão.”
O Pessoal adorou! [...] (NUNES, 1980, p. 9-13)

A Casa da Madrinha narra a história de Alexandre, garoto que enfrenta dificuldades de criança pobre e marginalizada, e que sai da favela carioca onde morava, em busca da casa de uma madrinha da qual o irmão mais velho – contador de histórias que dão sentido à vida de Alexandre – havia falado, local em que não há falta de comida e roupas, epítome de seu ideal infanto-juvenil de uma sociedade justa.

A narrativa, da mesma forma que a de Lobato, aponta para a Educação, mas aqui abrange aspectos positivos e negativos tanto da prática pedagógica como da Instituição Escolar. O primeiro aspecto, positivo, ligado à Didática e à Metodologia de Ensino, Ciências da Educação, trata da prática de uma professora que ensina de maneira lúdica, fazendo com que os alunos não somente aprendam mas também, por meio de experiências – próprias ou direcionadas pela mestra, vividas – tenham prazer em aprender:

A professora gostava de ver a classe contente, mal entrava na aula e já ia contando uma coisa engraçada. Depois abria a maleta e escolhia o pacote do dia. Tinha pacote pequenininho, médio, grande, tinha pacote embrulhado em papel de seda, metido em saquinho de plástico, tinha pacote de tudo quanto é cor; não era à toa que a maleta ficava gorda daquele jeito.

Só pela cor do pacote as crianças já sabiam o que ia acontecer: Pacote azul era dia de inventar brincadeira de juntar menino e menina; não ficava mais valendo aquela história mofada de menino só brinca disso, menina só brinca daquilo, meninos do lado de cá, meninas do lado de lá.

Pacote cor-de-rosa era dia de aprender a cozinhar. [...] Era um tal de experimentar receita que só vendo. [...]

Pacote vermelho era dia de viajar: saía retrato do mundo inteiro lá do fundo do pacote; espalhavam aquilo tudo pela classe; enfileiravam as carteiras pra fingir de avião e de trem; quando chegavam nos retratos um ia contando pro outro tudo que sabiam do lugar. [...]

Pacote verde era dia de aprender a pregar botão, botar fecho, fazer bainha na calça e na saia. Se o verde era bem forte, era dia de aprender a cortar unha e cabelo. Verde bem clarinho era dia de consertar sapato. E tinha um verde, que não era nem forte nem claro, era um verde amarelado, que as crianças adoravam: era dia da Professora abrir pacote de história. (NUNES, 1980, p. 37-38).

O segundo aspecto da Educação apontado pela narrativa de Nunes trata de uma crítica à Instituição Escolar e ao papel que ela historicamente desempenha, de formar o ser humano de acordo com os valores da sociedade em que se insere, muitas vezes moldando, “filtrando” pensamentos, como acontece com o Pavão:

A escola pra onde levaram o Pavão se chamava Escola Osarta do Pensamento. [...] quem estava interessado no assunto percebia logo: erra só ler Osarta de trás pra frente.

A Osarta tinha três cursos: o Curso Papo, o Curso Linha e o Curso Filtro.

O Curso Papo era isso mesmo: papo. Batiam papo que só vendo. [...] Só tinha um problema: ele não podia achar nada. [...] Se abria o bico ia de castigo; se pedia pra ir lá fora ia de castigo; se cochilava [...] acordavam ele correndo pra ele ir de castigo. [...]

O pavão [...] com aquele papo todo o dia o dia todo a todo instante, deu pra ir ficando apavorado. [...] O curso papo era pra isso mesmo: pro aluno ficar com medo de tudo. O pessoal da Osarta sabia que quanto mais apavorado o aluno ia ficando, mais o pensamento dele ia atrasando. [...]

Estavam encerrando o corredor da escola. [O Pavão] pegou um punhado de cera e, com um jeito bem disfarçado, tapou o ouvido. Daí pra frente o pavão ficava muito sério olhando o pessoal do Curso falando, falando, e ele – que bom! – sem poder escutar. [...] Falaram tanto que ficaram roucos. [...] Resolveram então levar o Pavão pro Curso Linha. O pessoal da Osarta tinha ouvido falar numa operação que fizeram num galo de briga: costuraram o pensamento dele, só deixaram de fora o pedacinho que pensava o que os donos do galo achavam legal. [...]

O Pavão [...] caiu na maior fossa quando viu que só ia poder pensar o que os outros queriam. [Mas] ele viu que a linha que iam usar para costurar o pensamento dele não era lá essas coisas: com um puxão mais forte ela rebentava. Então ficou treinando o tal puxão. [...]

Treinou o puxão até a hora da operação. E na hora não houve jeito de costurarem o pensamento do Pavão. [...]

O pessoal da Osarta suspirou:

- É caso pra filtro.

[Na sala do Curso filtro] em toda parte tinha filtro. Grande, pequeno, de pé, de parede, de prateleira, de metal, de barro, de acrílico [...] Perguntaram: [...]

- Gosta desse? – E mostraram um filtro desse tamanho. Uma graça de filtro. De barro. Com vela, tampa, tudo. Mas mínimo. E com uma torneirinha de metal supermínima. [...]

O pavão respondeu distraído:

- Jóia.

Não deixaram ele falar mais nada. Seguraram ele com força, abriram a cabeça dele, botaram o filtro bem na entrada do pensamento, puxaram pra cá e pra lá ajeitando bem pra não entrar nenhuma idéia na cabeça do pavão sem antes passar pelo filtro, e aí deixaram a torneira só um tiquinho aberta. [...]

Mas aconteceu uma coisa que ninguém podia esperar: a torneirinha do filtro veio com defeito de fábrica, não ficava regulada no mesmo lugar; [...] de repente abria toda (aí era um tal de passar pensamento na cabeça do pavão que era uma maravilha); (NUNES, 1980, p. 24-29).

De acordo com o parecer de Paiva (FNLIJ), “na escola de Alexandre [...] a gorducha professora atravessa caminhos que a escola-instituição quase abandonou e, por isso mesmo, [...] sua possibilidade de ação é rapidamente cerceada”:

Um dia a diretora da escola entrou na classe justo na hora em que Alexandre estava ensinando um outro garoto a fazer uns bolinhos de trigo. [...] tudo quanto é criança em volta do fogão palpitando: falta mais sal! bota pimenta! bota um pouquinho de salsa! A diretora sabia que estava na hora da aula de matemática. Que matemática era aquela que a Professora estava inventando? Não gostou da invenção. [...]

No outro dia saiu fofoca: contaram pra Alexandre que tinha um pessoal que não estava gostando da maleta da Professora.

- Que Pessoal?

Um disse que era a diretora, outro disse que era uma outra professora, outro disse que era o pai de um aluno, outro falou que era o faxineiro [...] (NUNES, 1980, p. 37-38).

Por fim, a professora chega à sala, num dia de chuva, com o rosto molhado e sem a maleta, dizendo a Alexandre, único aluno presente, que a havia perdido. E compreende-se a crítica à Instituição Escolar brasileira, a partir de uma imagem poética que aproxima chuva e choro:

- Ninguém achou?

- Não.

- Então como é que vai ser?

- Não sei.

- Dá jeito de você comprar os pacotes de novo?

- Não. [...] Eles vêm junto com a maleta; não vendem separado.

- Mas então compra outra maleta, pronto! – ela ficou quieta de novo. E como o tempo ia passando e ela continuava sempre quieta, *e a cara não secava nunca e não chovia lá dentro e a cara cada vez mais molhada*, ele acabou pedindo:
- Compra, sim?
- Não dá, Alexandre. Eles *não estão mais fabricando essas maletas hoje em dia*.
E aí ele não perguntou mais nada. (NUNES, 1980, p. 40, grifos nossos).

Críticas a Instituições como a escola, são críticas à própria sociedade, um dos papéis das Ciências Sociais. Se em **Reinações** a crítica foi à sociedade como um todo, com base na reflexão sobre a organização de duas sociedades – a humana e a do Reino das abelhas –, em **A Casa da Madrinha** ela é mais pontual, mais específica. Além de questionar e refletir sobre a Instituição Escolar e a Educação, trata também de questões sociológicas abordadas a partir do ponto de vista da atualidade nacional como o trabalho infantil e o preconceito:

Tinha um pacote branco que só servia pra Professora esconder e pra turma brincar de achar. Quem achava ia pro quadro-negro dar aula. [...] E aula de quê?
- Conta a tua vida, ué, mostra o que você sabe fazer. [...]
No dia que Alexandre achou o pacote, resolveu contar pra turma como é que ele vendia amendoim na praia. No melhor da aula, um grupo de pais de alunos, que estava visitando a escola, entrou na sala. Quando a aula acabou, um deles perguntou pra Professora:
- A senhora está querendo ensinar meu filho a ganhar a vida vendendo amendoim?
A Professora explicou que Alexandre só estava contando pros colegas como era o trabalho dele, pra todos ficarem sabendo como é que ele vivia.
No outro dia saiu fofoca. [...] tinha um pessoal que não estava gostando da maleta da Professora. (NUNES, 1980, p. 38).

Mesmo sem querer, Alexandre teve que parar de estudar para trabalhar, depois que seu irmão, que não somente dava sentido à sua vida por meio das histórias que contava, mas também o apoiava financeiramente para que pudesse estudar, decidiu casar-se:

A situação em casa continuava apertada; domingo Alexandre ia pra praia: era dia de vender amendoim. Depois começou a vender sábado e domingo. [...] As férias começaram. Alexandre deu pra vender nas sexta-feira também. Na quinta. Na quarta. Depois só não ia se chovia.
Já estava chegando outra vez o tempo de aula quando Augusto [...] quis casar. [...] A mãe de Alexandre falou:
- Quem sabe é melhor o Alexandre parar de estudar pra ficar trabalhando?
Alexandre não disse nada, só olhou pro Augusto.[...]
Alexandre continuava olhando com força pro Augusto. A mãe, a noiva, a irmã, todo mundo falou que era por pouco tempo que Alexandre ia parar de estudar. Só até o Augusto casar. Ou o irmão mais velho sair do hospital. Ou alguém em casa acertar na loteria esportiva. Augusto levantou e foi pra janela espiar a vista; depois disse:
- É por pouco tempo, Alexandre.
Alexandre saiu da escola. Foi vender sorvete em vez de amendoim. Era mais pesado de carregar, mas pagava mais. De noite ficava pensando nos colegas, na Professora, acabava perdendo o sono.

Além de abordar questões sociais como o preconceito, o trabalho infantil e os problemas da escola, Nunes, tanto quanto Lobato, explora a psicologia da criança, fazendo, em primeiro lugar, com que Alexandre, ainda criança, empreenda uma viagem desacompanhado, sem sofrer as pressões que os pais ou o irmão mais velho possam exercer sobre ele. Em segundo lugar e da mesma forma que Lobato, a narrativa de Nunes percebe que a criança vive sua própria imaginação, que seu universo é recheado pela fantasia, pelos sonhos, e trabalha o aspecto maravilhoso, “fazendo real o que é fantasia e fantasiando a realidade” (PAIVA, FNLIJ), permitindo que Alexandre aprenda sobre “situações humanas problemáticas

[e sobre as] dificuldades da criança no mundo adulto” (ZILBERMAN, FNLIJ), e também aprenda a lidar com as próprias emoções, como o medo:

-O escuro é ruim, a gente tem medo dele.[...]
-E a gente perdendo o medo do escuro? [...]
-Mas como é que a gente vai perder o medo se tá com um medo danado?[...]
De repente, de tanto falar no medo, ficaram com a impressão certinha que o medo estava bem perto; era só estender a mão que pronto: tocavam nele. Então Alexandre falou cochichado (pra ver se o medo não ouvia):
-Parece que eu estou todo amarrado. É o medo que deixa a gente assim, não é? [...]
Os três se encolheram. Pra dar mais lugar pro medo, pra não encostarem nele.[...] Depois Alexandre resolveu:
-Quer saber do que mais? Eu não deixo ele me amarrar, não deixo. – Se soltou de Vera e foi tateando em volta. – Aqui desse lado ele não está. [...]
Arriscou uns passos. [...] Foi indo pra mais longe; se desamarrando, desamarrando.
Mas Vera continuava amarrada que nem respirava direito; achava que respirando normal encostava no medo. Guardou a mão no bolso pra ainda ocupar menos lugar; encontrou um pedaço de giz; [...] Pensou: quadro-negro é escuro assim. Quem sabe o giz também riscava a escuridão? [...] Tomou coragem e experimentou desenhar na frente dela a roda de um sol. E não é que saiu? [...] Alexandre foi pra junto dela; [...] foi desenhando também. [...] quanto mais os dois desenhavam, menos iam se importando com o escuro. (NUNES, 1980, p. 79-80)

Considerações finais

Outras relações entre a literatura infantil e as Ciências Humanas podem ser encontradas nos textos estudados, mas optou-se pelas mais evidentes e relevantes, levando-se em conta as especificidades da literatura destinada a crianças e adolescentes. Assim, apontaram-se algumas relações entre os textos de Lobato e Nunes com as Ciências da Educação, Psicológicas e Sociais, prioritariamente, uma vez que a literatura infantil se apóia nesse tripé, além de apoiar-se também na literariedade, ou seja, na estética literária, como qualquer boa literatura.

Percebe-se que quando à literatura incorporam-se outras ciências da humanidade, essas relações abrem novos espaços de expressão e provocam questionamentos e reflexões, constituintes de outros saberes, apontando para o enriquecimento da própria literatura, seja ela “adulta” ou infantil. Porém, jamais diminui sua especificidade de objeto artístico, ainda que se constitua **uma das vias de acesso a outros conhecimentos**, como postula a História Cultural.

Colocando lado a lado duas obras infantis representativas de duas épocas diferentes, uma da segunda década do século XX e outra do final desse mesmo século, distantes quase sessenta anos, nota-se que as características da literatura infantil são semelhantes – a necessidade da fantasia, de parâmetros de formação/educação, do contato com a realidade – ainda que em tempos distintos, uma vez que a infância e a adolescência, destinatárias dessa literatura, permanecem com as mesmas características, embora receptoras de uma quantidade maior de informações, provocadas pelo desenvolvimento dos meios de comunicação.

Na passagem de **Reinações** abaixo, vê-se a História Americana recheada de fantasia, de poesia, de literariedade:

-[...] Então você é bismeto ou tataraneto do Gato-de-Botas?
-Sou cinqüentaneto dele – disse o gato Félix. Mas não nasci na Europa. Meu avô veio para a América no navio de Cristóvão Colombo e naturalizou-se americano. [...]
-Conte como foi que o tal Colombo descobriu a América. [...]
-Meu avô veio justamente no navio de Cristóvão Colombo, que se chamava “Santa Maria”. Veio no porão e durante toda a viagem não viu coisa nenhuma senão ratos. Havia mais ratos no “Santa Maria” do que pulgas num cachorro pulguento, e enquanto lá em

cima os marinheiros lutavam com as tempestades, meu avô lá embaixo lutava com a rataria. Chegou a enfiar-se de rato a ponto de não poder ver nem um pelinho de camundongo. Afinal o navio parou e ele saiu do porão e foi lá para cima e viu um lindo mar e bem na frente uma terra cheia de palmeiras. [...]

-Viu a terra cheia de palmeiras, e na praia uma porção de índios nus, armados de arcos e flechas, a olharem para o navio como se estivessem vendo coisa do outro mundo. [...]

-Colombo, então – continuou o gato – resolveu desembarcar e saber que terra era aquela, porque estava na dúvida se seria realmente a América ou outra. (LOBATO, 1959, p. 145-146).

Assim como pode-se perceber claramente essas mesmas características literárias no trecho abaixo d'A **Casa da Madrinha**, porém com princípios ecológicos e sociais, de valorização da natureza:

-Onde é que você mora?

-No Rio, e você?

-De Janeiro?!

-É. Moro em Copacabana. [...] Conhece Copacabana?

-Não. Mas minha prima foi pra lá. [...] o pai dela também plantava flor que nem o meu.

-Que flor que ele planta?

-Cravo, zínia, agapanto e margarida, conhece?

-Não.

-Depois eu mostro. [...] ela me escreveu dizendo que tudo quanto é colega lá da escola dela nunca viu nem coelho, nem tatu e muito menos uma paca, já pensou? Disse que o garoto que senta do lado dela nunca viu nem uma galinha. Só assada na mesa já pronta pra comer. E que ele nunca tinha pensado que antes a galinha andava e até voava. [...]

-E você onde é que mora?

Vera apontou uma plantação de flor:

-A casa é no fundo. Tem um quintal superlegal: vai até o rio.

-E o rio também é teu?

-Não, é dele mesmo. (NUNES, 1980, p. 14-15, grifo nosso)

Desta forma, acredita-se que a literatura, especialmente a infantil, destinada a seres em fase de formação, possa constituir-se **coadjuvante** no acesso a conhecimentos não literários, sem que essas áreas de conhecimentos específicos sejam desvalorizadas. Ao mesmo tempo, esse cruzamento entre áreas proporciona à literatura – neste caso, à infantil –, a possibilidade de mostrar mais enfaticamente sua especificidade artística, literária.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ATHAYDE, Tristão de [Alceu Amoroso Lima]. Monteiro Lobato. In: DANTAS, Paulo (Org.). **Vozes do tempo de Lobato**. Brasil: Traço, 1982, p. 45-52.

BELINKY, Tatiana. Sem fronteiras entre realidade e fantasia. In: DANTAS, Paulo (Org.). **Vozes do tempo de Lobato**. Brasil: Traço, 1982, p. 229-233.

BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas**. Trad. Arlene Caetano. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980. (Coleção Literatura e Teoria Literária, v. 24).

CADEMARTORI, Lúcia. **O que é literatura infantil**. 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 1991. (Coleção Primeiros Passos, 163).

CAVALHEIRO, Edgard. **Monteiro Lobato, vida e obra**. São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 1955. 2 v.

_____. Vida e Obra de Monteiro Lobato. In: LOBATO, Monteiro. **Urupês**. São Paulo: Brasiliense, 1969, p. 3-59. (Obras Completas de Monteiro Lobato, 1ª série, Literatura Geral, v.1).

COELHO, Nelly Novaes. **A literatura infantil**: história, teoria, análise: das origens orientais ao Brasil de hoje. São Paulo: Quíron; Brasília: INL, 1981.

_____. **Literatura e linguagem**: a obra literária e a expressão lingüística, introdução aos cursos de letras e de ciências humanas. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1974.

LOBATO, Monteiro. **A barca de Gleyre**. 2º Tomo. São Paulo: Brasiliense, 1964. (Obras completas de Monteiro Lobato, 1ª série, Literatura Geral, v.12).

_____. **Reinações de Narizinho**. 18. ed. São Paulo: Brasiliense, 1959.

MORTATTI, Maria do Rosário Longo. Leitura crítica da literatura infantil. **Itinerários** – Revista de literatura. Araraquara, v. 17/18, p. 179-187, 2001.

NUNES, Lygia Bojunga. **A casa da madrinha**. Ilustração de Regina Yolanda. 3. ed. Rio de Janeiro: Agir, 1980. (Coleção 4 ventos).

PAIVA, Jane. **Parecer 2**. Disponível em <http://www.fnlij.org.br/livros2/a_casa_da_madrinha.htm> Acesso em 28 jan. 2007.

RIBEIRO, Maria Augusta H. W. Um diálogo com Reinações de Narizinho de Monteiro Lobato. In: MICOTTI, Maria Cecília de O. (Org.). **Alfabetização**: o trabalho em sala de aula. Rio Claro: UNESP – Instituto de Biociências, 2000, p. 161-184.

ZILBERMAN, Regina. Literatura infantil: livro, leitura, leitor. In: ZILBERMAN, Regina (Org.) **A produção cultural para a criança**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982, p. 93-115. (Novas perspectivas, 3).

_____. **Parecer 1**. Disponível em <http://www.fnlij.org.br/livros2/a_casa_da_madrinha.htm> Acesso em 28 jan. 2007.